

Mudança Social Carioca 2009-2016: O Legado Pré-Olímpico

Sumário Executivo

O principal objetivo do projeto é medir a evolução das condições de vida da população carioca a partir do anúncio da Rio 2016. Avaliamos o desempenho da cidade em áreas diversas, como educação, trabalho, habitação, serviços de utilidade pública, transporte e desenvolvimento social, a partir de pesquisas domiciliares públicas de uso inédito no âmbito do município do Rio de Janeiro.

O termo legado olímpico se refere, em geral, à projeção dos ganhos prospectivos a serem usufruídos pela cidade após a realização do megaevento esportivo. Mas, no interregno entre o anúncio e a realização do evento, já se percebem inflexões relevantes nas séries históricas da Cidade do Rio de Janeiro? Houve alguma virada olímpica na vida do cidadão carioca? Em outras palavras, como a população local foi impactada durante o período de preparação para os Jogos? Por exemplo, como mudou a casa, a escola, o trabalho, o transporte, e assim por diante? Quem se beneficiou mais das mudanças, homens ou mulheres, ou ainda, jovens, meia idade ou idosos?

A realização de um evento global num território antes apelidado de “cidade partida” coloca enormes desafios em termos de desigualdade. Quais mudanças chegaram à base da pirâmide social carioca? A distribuição de renda, evoluiu ou regrediu? E quando comparamos os resultados com os demais municípios do Grande Rio? Estas são questões empíricas e factuais estudadas com um vasto acervo de microdados públicos ainda inexplorados no âmbito dos municípios das capitais ou das periferias metropolitanas. A abertura destes dados sociais para o Rio de Janeiro nos permite investigar cientificamente a existência, ou não, de um legado social pré-olímpico. O sítio do projeto disponibiliza dispositivos amigáveis que permitem a cada um cruzar suas informações de interesse e transformá-las em conhecimento próprio e prático.

Lançamos mão de uma vasta gama de microdados para construir um diagnóstico empírico detalhado do dia a dia das condições de vida da população do Município do Rio. Quantificamos se houve mudança de tendência de cada dimensão após o anúncio da Rio 2016, avaliando se esta mudança é positiva ou negativa. Olhamos desde a evolução simples dos indicadores ao longo do tempo, como também a mudança controlada por atributos comparáveis, como sexo, idade, imigração, educação dos responsáveis pela família, entre outros. Isso nos permite comparar pessoas semelhantes em momentos distintos, isolando os efeitos de composição demográfica nas mudanças observadas. Num terceiro momento, comparamos as mudanças controladas cariocas vis-à-vis a dos demais municípios do Grande Rio a fim de aferir se houve e onde houve avanço relativo. Usamos como marcos do imediato período pré-Olímpico os anos de 2008 a 2014 pela PNAD tradicional. No caso de dados de renda per capita e nela baseados, como pobreza e desigualdade, chegamos a 2016 por intermédio da PNAD Contínua e de registros administrativos. Um ponto-chave é analisar até que ponto a crise econômica em curso já afetou as condições de vida na cidade.

O período antes do anúncio das Olimpíadas, por sua vez, é aproximado, na PNAD, pelas séries de 1992 a 2008. O objetivo é aferir a tendência prévia dos indicadores.

Combinando os períodos antes e depois do anúncio das Olimpíadas, para cada dimensão analisada, testamos se houve manutenção de tendências prévias positivas ou negativas. Ou se a trajetória é em forma de V, ou o seu inverso. Esse é o “X” da questão perseguida ao longo deste estudo.

Resultados Principais:

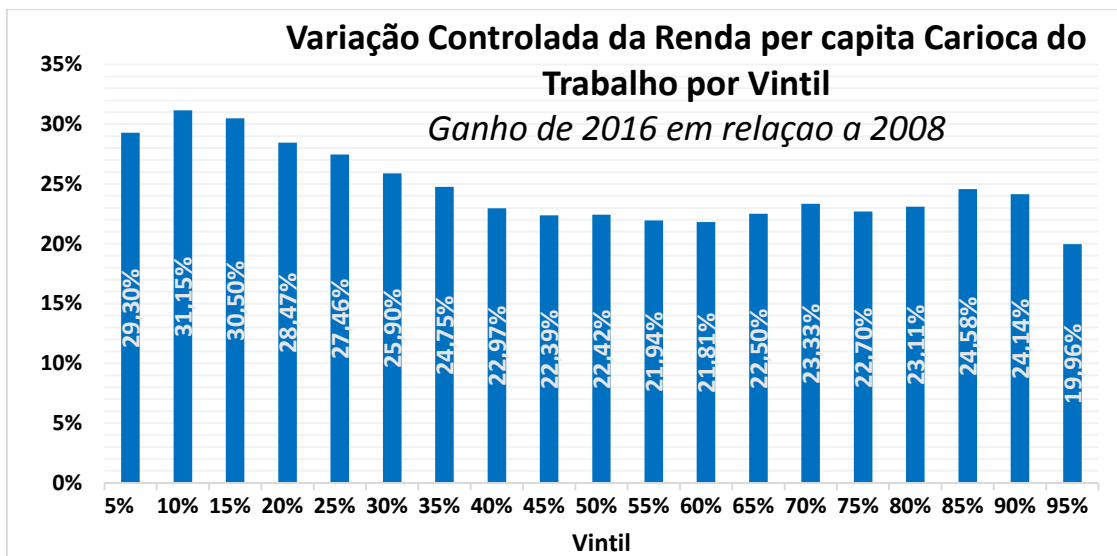
Renda e Trabalho – Começamos por medidas sociais baseadas em renda, pois a PNAD Contínua e os registros administrativos nos permitem estender os dados até maio de 2016. Indo direto ao ponto, as Olimpíadas parecem ter mantido a economia carioca, ou pelo menos a renda dos cariocas, em trajetória ascendente. Entre 2008 e 2016 a renda per capita cresceu 30,3% no município, contra 18,2% nos demais municípios do Grande Rio. Dois terços deste crescimento se deu nos últimos 3 anos, ou seja, a economia carioca, do ponto de vista das pessoas, demorou a decolar após o anúncio da sede olímpica, mas uma vez embalado, o crescimento não perdeu força. Neste ínterim, como fruto da crise brasileira, queda do preço do petróleo e da Petrobras, a renda estacionou na periferia fluminense.

A desigualdade de renda per capita caiu pouco após o anúncio olímpico, indo de 0,55 em 2008 para 0,5438 em 2016. Porém, este é o nível mais baixo da série histórica carioca desde que se começou a registrar o dado. Note que a desigualdade interna no município é maior que a do país como um todo – por exemplo, no ano de 2014, era de 0,546 na capital fluminense contra 0,515 no Brasil. A desigualdade carioca não cai muito a partir deste ponto, mas pelo menos não sobe, como indica a desigualdade de renda do trabalho brasileira. Ou seja, tal como no crescimento da renda, os dados são consistentes com a ideia de que as Olimpíadas possibilitaram manter as conquistas obtidas no nível de desigualdade, sem recuos.

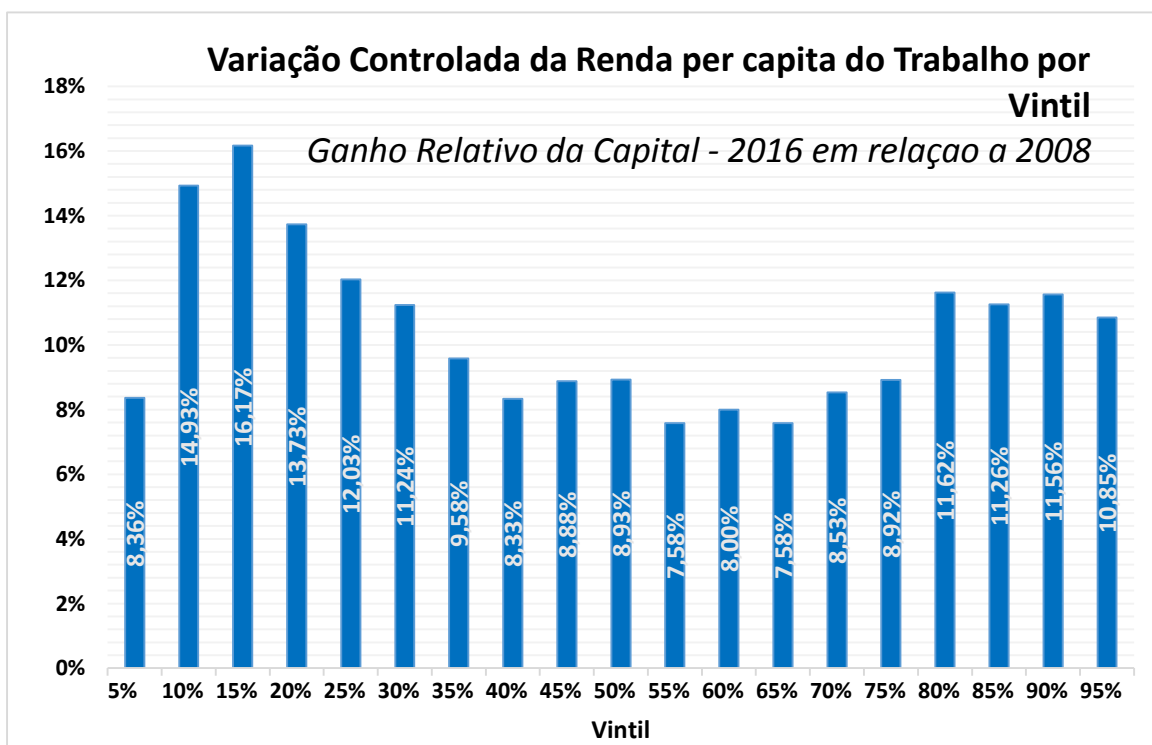
O grande motor da distribuição de renda tem sido o mercado de trabalho, que explica 82% do crescimento da renda carioca, contra 44,7% da periferia. O Rio é, entre as 27 capitais brasileiras e as 9 periferias metropolitanas, onde a renda individual do trabalho mais cresceu desde 2013¹. Quase todo o aumento de desemprego do município foi devido ao aumento da população que voltou a buscar emprego no mercado de trabalho. O problema, segundo as projeções demográficas, é que a proporção da população com idade apta a trabalhar começa a cair a taxas cada vez maiores a partir de 2016.

Nossos exercícios controlados mostram que, no período pré-Olímpico, o aumento da renda do trabalho se deu ao longo de toda a distribuição de renda, com avanço mais forte na base. Por exemplo, a renda dos 5% mais pobres cresceu 29,3%, contra 19,96% dos 5% mais ricos, conforme o gráfico abaixo ilustra.

¹ Aqui o período é de 2013 a 2016, quando a renda cai em 31 das 36 regiões mencionadas. A elevação do desemprego carioca é explicada pelo aumento da taxa de participação como componente da oferta de trabalho.



No último estágio analisamos quanto os dados do município, vintil a vintil, variaram a mais, ou a menos, que os correspondentes da periferia fluminense. Por exemplo, os cariocas 5% mais pobres tiveram um ganho de renda real (descontada a inflação) de 8,36% sobre os 5% mais pobres da periferia, entre 2008 e 2016, mesmo após neutralizarmos as mudanças sociodemográficas observadas em cada local, como a educação dos responsáveis pelos domicílios, conforme ilustra o gráfico abaixo.



Fonte: FGV Social a partir dos microdados das PNADs/IBGE

Na comparação controlada com os demais municípios da periferia fluminense, há um ganho estatisticamente significativo ao longo de toda a distribuição de renda do trabalho. Este ganho é particularmente forte na base da distribuição, em especial entre os 15% mais pobres, para os quais atinge 16,17%. Ou seja, mais da metade do ganho trabalhista total percebido pelos cariocas nesta faixa da população foi diferenciado em relação aos seus correspondentes nos demais municípios da metrópole fluminense. Isto indica não só um grau de progressividade, mas também de sustentabilidade dos ganhos obtidos, pelo fato de os mesmos terem sido obtidos a partir da renda do trabalho e não de transferências públicas municipais, estaduais ou federais, por exemplo.